

Sangue | conto de Luana Alves dos Santos¹

Dona Quitéria trouxe um cafezinho como de costume. Café gostoso de dona Quitéria. Antônio, num gesto curto, pausado, fez menção de não pegar, mas a velha insistiu – “Ôh seu Antônio, vai injeitar?”. Ele pegou. Agradeceu. Olhos baixos. Dona Quitéria deixou a sala de reuniões com um “com suas licenças”, empurrando o carrinho. Saiu pensando em seu Antônio. Estava cabreiro pelos modos de ser. Levava descompostura do doutor? Seu Antônio, um homem tão bom. Falassem o que falassem. Dele não tinha queixa nenhuma, não. Enquanto passava pelo corredor – entre a parede e as estações de trabalho – foi surpreendida por Salviério que lhe pediu um cafezinho também. Ela o serviu, prestativa. Ele agradeceu e acrescentou de imediato que o cesto de lixo, próximo à sua mesa, estava abarrotado, desde a noite anterior. Ela, por favor, providenciasse o recolhimento o quanto antes. A pobre velha já não tinha tanta disposição pra realizar suas tarefas – era o que todos diziam. Pela idade, já deveria estar aposentada há algum tempo. Ainda assim, trabalhava pra uma empresa terceirizada de serviços gerais. Esfregar o chão, retirar o lixo, limpar os banheiros. Mas também desempenhava função de copeira – sem remuneração correspondente ao acúmulo de tarefas – já que a máquina de café apresentou defeito e precisou ser recolhida. Empurrando o carrinho, ela indicou que iria até a copa deixar o café e, em seguida, retornaria pra concluir a limpeza. Esfregar o chão. Tirar o pó. Parece que alguém andou mexendo com papel, tesoura, cola. E acabou deixando uma ruma de sujeira no chão. Não demorou muito e dona Quitéria estava de volta. Ao retornar, percebeu que Salviério estava falando sozinho. Mexia a cabeça. Mudava a feição. Seu Salviério era desse jeito. Tinha ido à casa dele, no final de semana passado, fazer salgados pro aniversário da filha. Quando chegou, o homem estava de avental, no meio da sala de estar. Todo manchado de tinta e rodeado de uma montoeira de livros. Até pensou que ele estivesse tirando as coisas do lugar pra pintar parede. Qual nada! Pintava era um retrato, com gosto. Olhava

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da Profa. Dra. Silvana de Souza Ramos. E-mail: luana.santos@usp.br.

de lado, olhava de perto, de longe. Media. Danava a fazer gesto com a mão. Caçava modo. Pois é. “Cada um apreciava o que melhor se ajusta a sua natureza”, não era esse o ditado dos antigos? Retrato tem de toda qualidade. Daí um pouco, esse homem saiu. Saiu sem tirar o avental. Disse que já voltava. Foi a hora que viu seu Salviério. O homem sumiu. Nem deixou o pagamento. Teve de pegar na segunda-feira, no serviço.

Abaixava-se, com dificuldade, a fim de dar um nó na boca do saco de lixo.

Fez esses salgados pra seu Salviério porque estava precisando mesmo. A conta de luz estava atrasada. Tinha de pagar logo senão chegava outra e aí arriscava de ser cortada. Pagou a luz. Passou no mercantil. Comprou meia dúzia de coisas que estavam faltando em casa e acabou o dinheiro. Tinha mês que era apertado. Tinha comprado uma geladeira nova e ainda estava pagando prestação. Faltavam cinco. Atrasou conta porque um cano estourou no seu quintal, cano dá’gua. Teve de pagar alguém na favela pra fazer os reparos. Foi mais da metade de seu ordenado pro conserto. Essa era boa “ –Mas será possível uma coisa dessa? Não trouxe mais saco de lixo, não é?” Jurava que tinha trazido; enfiou a mão no bolso do uniforme e achou o que procurava – trabalhava o mês inteiro e em quatro dias o pedreiro levava mais da metade de seu ordenado. Ele falou que era porque tinha de quebrar o piso, quebrar uma parte do muro, cavar buraco, remendar o cano e tapar o buraco de novo. Foi por isso que ficou pendurada, nas despesas. Como no final de semana tinha folga no serviço, podia fazer uns bicos por fora. Fazia salgado, bolo, quitutes. De um tudo! Tinha até uma freguesia boa pra encomenda. Na favela, tudo quanto era qualidade de festa – aniversário, casamento, noivado, batizado – era feita a encomenda com ela. De um tudo! Tabuleiro de salgado, bolo confeitado, doce de mesa, torta doce e salgada. Até bem-casado aprendeu a fazer. Assim dava pra ir vivendo – com a graça de Deus! – enquanto a aposentadoria não saía. Tinha posto advogado e tudo mais. Agora era só esperar. Enquanto esse dinheirinho não vinha, ia se virando como podia pra garantir o mercantil. E agora que o filho tinha voltado pra casa, a despesa aumentava. Mas nem reparava nisso, não. Estava era feliz com a presença do filho, ainda mais porque agora parece que o menino ia se ajuizar.

Ergueu-se com o saco de lixo nas mãos.

Estava procurando emprego. Por mais de mês, todo dia, bem de-manhãzinha, ele saía com uma pasta debaixo do braço. Só voltava pra casa no final da tarde. Já tinha até feito uma entrevista, numa empresa. Mas não era fácil conseguir trabalho fichado. Ainda mais depois de tanto tempo sem uma ocupação. No presídio, ele tinha aprendido a fazer artesanato. No geral, porta-retrato, guarda-moeda, enfeite pra geladeira. E também pintura no papel cartão, que era como eles chamavam por lá. Tudo tão bem feitinho que só vendo! Em casa tinha era muito desses mimos. Na parede, em frente a pia da cozinha, tinha uma pinturinha dessas imitando retrato. Passou no seu Enéas, marceneiro, mandou colocar moldura. Foi uma das primeiras que o filho fez naquele lugar. Tão bem feitinha! A imagem figurava igual como num sítio. Arvoredo ao fundo. Grama verdejante. Flores amarelas, azuis tão largadas em si que pareciam cuidadas só pela mão de Deus. Ao centro, uma casinha branca bem arrumadinha com suas telhinhas de barro queimado, na beira de uma estrada de terra batida. O sol baixo alumia o céu de rajada vermelha, deixando mais formoso o sitiozinho de beira de estrada. Tinha até um terreiro, sim, com galinha. As bichinhas ciscando, tão miudinhas. Dava vontade era de ficar habitando lá por de dentro daquela paisagem. Quando chegava em casa mirava aquele retrato. Ficava pensando naquelas galinhazinhas miudinhas no terreiro.

Tão mimosas.

E, então, garrava uma ideia. Como era que uns pingados de tinta – assim, ao disposto no papel – imitava o modo certinho de uma galinha? Como era? O pezinho espichado pra frente na tarefa de caçar o de-comer. Acolá, outra arrodeada lá de seus pintinhos. Coisa muito, muito verídica. E num lugar como aquele, com tão feias diabruras, o menino conceber imagem de remanso com galinha... No presídio, tinha galinhazinha ciscando no terreiro? Tinha não. E de onde foi que ela saiu? De onde foi? Ah, imaginação lá dele... Muita gente dizia-o talentoso pra manejar essas artes. Mas hoje. Hoje! Onde era que ele trabalharia com artesanato? Com pinturas de lugar distante e galinhazinha miudinha ciscando? No ordinário, quem repara nessas qualidades de formosura? Na hora do aperto, o povo deixa de lado essas delicadezas. Que que podia fazer? Foi indo ele arrumou um pico, na feira. Ia remediando até encontrar trabalho fixo. Por um lado, até era bom porque no final do dia sempre ganhava do patrão umas sacolas de laranja, tomate, alface, batata doce que ainda se podia aproveitar.

Substituiu o saco de lixo por um novo, colocou o cesto de volta, debaixo da mesa. Agradeceu porque era seu costume agradecer.

Seis meses que o filho tinha saído da penitenciária, depois de tantos anos. Já tinha até esquecido como era ter homem em casa. Todo o tempo que o filho ficou preso, não tinha ninguém que lutasse por ela. Era ela sozinha pra tudo. Vez ou outra, algum menino se oferecia pra buscar um bujão de gás, consertar o telhado, carregar as sacolas das compras do mês até lá em cima, na cabeceira do escadão, em troca de alguma moeda. Já não tinha mais força nos braços pra esses serviços, não. Agora, com o filho, se sentia mais amparada. Seu filho era assim – do porte de seu Antônio. Por isso tinha pedido pra ele umas roupas que não estivesse mais usando – pra levar pro filho. O menino saiu daquele lugar sem nenhuma peça de roupa decente. Como era que ia arrumar trabalho fichado se nem uma camisa social tinha pra se apresentar numa entrevista de emprego? Foi por isso que teve a ideia de comentar com seu Antônio. Se ele tivesse uma peça de roupa que não quisesse mais, uma camisa que não servisse, um sapato velho, que não se desfizesse, não; que arrumasse pra ela. Tinha rumo certinho.

Seu Antônio era homem bom.

Sabia de toda a história de como Edvaldo tinha sido preso. Ele mesmo ia até a copa tomar café e então garrava conversa. Numa dessas, ficou sabendo do caso. E de outros tantos. A história de Fernando contou miudinha. Seu Antônio foi aparando as lágrimas com as pontas dos dedos. Fernando – menino tão novo – morrer daquele jeito. Mas Deus sabe o que faz! Nunca pensou nessa vida que tivesse de pegar um filho morto nos braços. Mas foi lá. Tinha de ir. Um descomum. O corpo, o corpo, o velório. Com que pernas caminhou até ali? Com que olhos mirou aquele caixão lacrado? Nem não pode olhar pela última vez pro filho. Os tiros tinham acertado a feição – quatro tiros. Então, disseram que não dava pra deixar o caixão aberto. Até hoje – até hoje tinha a lembrança vivinha. “Mente da gente vai no rumo de muita ocasião, mas sempre esbarra onde a dor mais se ajunta”, não era esse o ditado dos antigos? Dor que doía miudinha. De repente, madrugada alta, ela vinha. Aí não dormia mais; o coração apertava fininho dentro do peito. Parecia que ia sufocar. Puxava fôlego. Sentava na cama. “Pensamento aquieta alvoroços e remexe quietação”. Aprendeu com os antigos. Memórias. Como explicar? Tristeza quando vem parece gente palpável, disse sabia. Tristeza põe de lado e chama

pra prosa. Prosa de algum tempo escondido lá pra trás – de muito longe ou de mais de perto, não importa – de tudo ela dá conta. Pois tinha noite que vinha o sentimento certinho de que ele iria chegar. Dava até pra ouvir o barulhinho da chave na porta, pisada mansa pra não acordar ninguém. Ai tristeza. Quem pode esquecer a qualidade de cheiro que tem um ente seu? Cheiro que abrotava dos cabelos e da nuca quando vinha abraçar. Ninguém escolhe a sina que vai ter na vida. Perder um filho – tão amoroso – e ver o outro sendo enjaulado feito bicho brabo. Mal pôde passar o luto e já teve de se recompor – não podia se abater – tinha Edvaldo preso que precisava dela.

Caminhava, passos pesados, com o saco de lixo que esquecera de retirar. Retornava.

Vinha esfregando o chão e arrastando seu carrinho de limpeza. Vinha reparando. Reparando.

Tem qualidade de mácula que não sai mais não. Esfregar. Passar pano. Ainda tinha uma ruma de papel espalhado no chão, cola grudada aqui e acolá. Ainda tinha uma ruma de manchas denunciadas pelo piso de porcelanato. Trabalhão que dava manter aquilo tudo limpinho toda a vida. Tinha de passar reparando e esfregando porque algumas manchas não saem assim fácil, não. Gruda nas coisas. Peguenta. Aí não tem jeito. Mácula assim, espalhada por sobre as coisas, é sobejo que fica. Tem qualidade de mácula contra a qual se peleja por toda a vida. Mácula de vinho tinto, por um exemplo. Mácula do molho de tomate. Mácula de sangue. Sangue vivo que vai ficando pisado. Amarelando nas beiradas: pega e fica restante. Demuda de cor. Só. Mas a nódoa fica. Até o cheiro fica sendo de sangue. Esfregava. Esfregava. Com sabão de coco e água bem muita. “Sai mais não”, dizia a vizinha. Teimava. “Sai mais não, mulher! Deixa disso!”. “Pois fica sendo. Fica sendo, então”, respondeu. Dali em diante não lavou mais nunca nem não teve coragem de botar aquelas roupas fora. Guardou, bem dobradinhas, no fundo de um caixote. Duas peças, no total. Bermuda marinho. Camisa branca, outrora alvinha, alvinha, feito fruto de algodão. A preferida dele. Aquilo pegava uma brancura – que só vendo – quando lavada e posta ao sol. Agora carregava as manchas do dia desdito. A preferida dele. Guardada. Restada escondida. Só de quando em quando a trazia pra perto de si. Ah, costume besta que tinha de se abraçar com roupa de gente. Mas aquela

ali só de quando em quando. Quando saudade apertava se doendo. Saudade que só o perdão dado e redado ajudava a arredar.

Dona Quitéria arrastava-se com dificuldades sob o peso do uniforme azul marinho.

Tinha criado esses meninos sozinha. Só com a ajuda de Deus! Fernando não beirava nem três meses de vida quando teve de deixá-lo com dona Luzia pra fazer faxina nas casas alheias. Edvaldo, o mais velho, já sabia se ajeitar. Mais por diante, já lavava uma louça, já passava um pano no chão, lá do jeito dele. Na favela, o povo perguntava: “– Ôh Quitéria, esses meninos não têm pai não é?” Raiva que dava! “E por acaso mulher faz filho sozinha?” O infeliz do pai deles era feito avoante desgarrada: suportava pouso porque já se sabia de partida. Era dessa natureza. A primeira vez que deixou tudo pra trás estava de cabeça virada por uma dona – dona em formosuras. Bonitos traços. Mãos finas. Cabelos feito negro talhe de cetim. Vestido qual de dama. Perfumada, qual o quê? Viúva nova. Remediada por pensão. Não sabia o que era acordar cedo: trabalhar esfregando chão dos outros pra pôr o de-comer na mesa. Toda ela resguardada feito prenda. Mulher de outras delicadezas. Mas ela logo viu que ele não era do mesmo estrato de seu falecido marido. Então largou. Fogo de palha. Ele voltou pra casa. Desconfiado. Evitando o mais de que podia evitar. A casa, teto de zinco escorado em quatro paredes, foi ele quem levantou, por isso achava que tinha direitos.

Recebeu-o de volta. Aliviada, porque ainda gostava.

Gostava – gostava como quem esqueceu de si – mesmo por detrás do muito disfarçar. “É pelos meninos. É pra não serem criados sem pai”, disse à comadre que lhe amparava as dores. Ele armou sua rede, junto à cama. E os dias se passaram sem qualquer expiação. Por muito tempo, a dona passeou pelos seus olhos, ao cair da tarde – outras vieram. Por derradeiro, esse homem disse que ia arranjar trabalho em outro estado, na construção de uma barragem. Lá pra as bandas desse Norte sem fim de onde todos vêm. “Vida da gente vai melhorar, mulher”, ele dizia. No justo dia em que estava de saída, a mala pronta, os filhos em derredor, disse ainda uma vez “vida da gente vai melhorar”. Pois, esse homem se sumiu pra mais de mês – sem dar notícia. Foi um valha meu Deus que o pai desses meninos morreu e ninguém não sabe nem onde procurar.

Que sina! Que sina era aquela? Como era que gente sumia sem deixar rastro? Aí, num domingo, na horinha mesma que menos esperava, ele ligou na casa de dona Regina – que Deus a ponha num bom lugar! Mandou chamar. Disse que ligava de novo, daí um pouco. Vieram trazer o recado. Coração bateu que bateu.

Correu pra casa de dona Regina. Segurou ansiedades – no aguardar.

Daí a um espaço de tempo que nem não sabe dizer o quanto durou, telefone tocou. Mal tocou e já o trazia junto ao ouvido. Reconheceu voz – em suas distâncias. E escutou, sem escutar, novidades da viagem e do trabalho. Vontade era falar palavras de saudade. Falar das muitas tantas vezes que doidamente o procurou na sala, na cela, às canhas. Mas ali? Sob o olhar de dona Regina? Não convinha, não convinha. Então, ele disse. Disse que ainda não podia mandar ajuda nenhuma, não, porque tinha de pagar aluguel. Perguntou se os meninos estavam com saúde e só. Somente. Disse que ligava de novo, dali a quinze dias. E desligou. Ah, espera – noite sem fim. Deu um mês e nada de ligação. Dois meses. Três meses. Colheita que a invernada ia carregando. Quatro meses. E nada desse homem dar sinal de vida.

Silêncio que pesava e amargurava.

Desassossego que tomou conta de tudo.

Deu um ano.

Edvaldo, que era o maiorzinho e já entendia melhor as coisas, toda a vida perguntava pelo pai. Dizer o quê? “Teu pai se sumiu nesse mundo de meu Deus feito folha ao vento?” Não se deixava enganar. Espera assim só presta pra amadurecer desgosto. Amor assim, negado, vai aquietando sua assuada. E, então, numa véspera de Natal, completando quase dois anos que esse homem tinha saído de casa, um conhecido – que tinha vindo passar as festas de final de ano pra essas bandas de cá – deu notícia do pai desses meninos. Vira-o lá pras bandas de Ipiáú. Disse que estava amasiado com uma dona. E assim permaneceu. Pra dentro de casa ele nunca mais voltou. Nem nunca mais procurou saber de ninguém – nem dos meninos. Nem de Edvaldo que era tão garrado com o pai.

De costas, dona Quitéria parecia muito mais velha do que de fato era. Encurvada, sob o peso do uniforme azul marinho.

Apareceu depois – tempos e tempos depois – um moço, moço muito novo. Modo gentil. Mãos maviosas. Tinha o descanso de que precisava. Ela, então, relampejo em céu estancado. Centelha airosa mesmo em face daqueles sofrimentos de todas as horas. Aquiesceram. Por um tempo. Essas alegrias. Tudo dádiva. Era ele só estar, a casa pobre, e tudo em volta era remanso. E tudo em volta, aninhado. Amigo. Se demorava, jusante de águas doces o trazia. Ele era assim: olhos de uma velhice que aprendeu a medir as durações. Ajudava com as despesas de todos os dias com o que ganhava em uma tecelagem; brincava com os meninos; amparava. Cumpria os gestos de pai por tudo em tudo. Mas empareados – da maneira como ficavam por se quererem bem – mais pareciam três irmãos. Ele sendo o mais velho. Povo que fala. Murmúrio. Debique. Um disse me disse sem fim. As línguas zurziam austeras cada vez que ele saía, cada vez que ele chegava. “Alegrias têm seus vencimentos”, disse sabia. Um dia desentalou: – “Menino, procure moça de família que lhe dê filhos seus porque esses aqui já têm pai”, disse de um arranque. E esperou. Mil protestos faiscaram no rosto dele sem acender palavras. Destrambelho. Alalia. Mil queixas o suspenderam junto à soleira da porta do quarto onde se deixou ficar. Duração. O olhar como de quem esteve fora por muitos anos, como de quem desconhece pai e mãe. Escorado à soleira da porta, perdia-se por trás e adiante. Feito quem vai pra nunca mais, avistou, ao lado da cômoda, a bolsa vermelha com a qual trouxera suas roupas. Seguiu quarto adentro. Arrumou suas coisas de cabeça baixa. Tirando da cômoda, pondo na bolsa. Dor que trespassava. Acendeu palavra nenhuma, nenhuma. E nunca mais voltou.

Depois, passar o esfregão no piso da copa.

Levar o carrinho de limpeza pra a área de serviços.